

A PRESENÇA FEMININA NA AUTORIA DE TESES E DISSERTAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO EM ASTRONOMIA

THE FEMININE PRESENCE IN AUTHORSHIP OF THESES AND DISSERTATIONS ON ASTRONOMY EDUCATION

Paula Cristina da Silva Gonçalves Simon¹, Paulo Sergio Bretones²

¹ UNICAMP/Doutorado em Ensino de Ciências e Matemática PECIM, paulacsgsimon@yahoo.com.br

² UFSCar/Departamento de Metodologia de Ensino, bretones@ufscar.br

Resumo: *A proposta deste trabalho é apresentar a produção e fomentar a reflexão sobre a presença feminina na autoria de teses e dissertações a partir da lista de publicações organizada e mantida no Banco de Teses e Dissertações sobre Educação em Astronomia (BTDEA). Com apoio de literatura relacionada ao Estado da Arte foi analisada e organizada a autoria de acordo com o gênero (feminino e masculino), de 1973 a 2016. A partir desse levantamento vários elementos emergem, refletindo sobre trabalhos produzidos e questões de gênero implicadas na constituição da área de pesquisa sobre Educação em Astronomia. Apesar das publicações estarem relacionadas à área da educação, os dados encontrados acompanham tendências de outras pesquisas sobre participação feminina na Astronomia e na Física.*

Palavras-chave: Estado da Arte; Gênero; Educação em Astronomia, mulheres na Ciência; Teses e dissertações.

Abstract: *The purpose of this paper is to present the production and promote the reflection about the feminine presence in the authorship of theses and dissertations on Astronomy Education starting from the list of publications organized and maintained on the website of the Bank of Theses and Dissertations on Astronomy Education (BTDEA). With the support of literature related to the State-of-art, authorship was analyzed and organized according to the gender (female and male) of the authors, from 1973 to 2016. From this survey several elements emerge, reflecting on produced works and gender issues implied in the constitution of the research area on Astronomy Education. Although the publications are related to education, the data found follows trends of other research on female participation in Astronomy and Physics.*

Keywords: State-of-art; Gender; Astronomy Education, Women in Science; Theses and Dissertations.

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, busca-se a partir dos trabalhos listados no Banco de Teses sobre Educação em Astronomia (BTDEA¹), apresentar as produções em Teses e Dissertações em relação ao gênero de autoria e observar a partir dessa parcela de trabalhos algumas variáveis. O levantamento foi realizado sobre trabalhos publicados entre 1973 a 2016.

Trabalhos do tipo Estado da Arte são auxiliares no processo de organizar o que se tem produzido em determinadas áreas e indicar tendências e lacunas. Em termos de Educação em Astronomia existem alguns trabalhos produzidos nesse sentido, como Bretones e Megid Neto (2005) e Iachel e Nardi (2010). Nos trabalhos

¹ www.btdea.ufscar.br

citados não está inclusa a análise em relação ao gênero de autoria, o que consideramos uma informação importante do ponto de vista da discussão da presença da mulher nos temas de pesquisa relacionado à ciência.

De acordo com Leta (2014) os Estudos de Gênero apresentam um espectro de formatos, sendo um deles o estudo com características comparativas. Este é o de maior tradição neste campo e busca diferenças, semelhanças e relações nos mais diversos aspectos, nas representações e condições de existência entre homens e mulheres. Neste trabalho buscamos apresentar e discutir dados quantitativos e históricos da área na busca de expor um panorama para reflexões e problematizações.

Em relação à participação feminina na Astronomia brasileira, Viegas (1994, 2014a, 2014b) e Silva (2007) verificaram que esta ainda é pequena em relação à masculina, se comparada ao percentual de mulheres na sociedade. Assim, buscamos verificar qual o panorama atual da participação feminina na produção acadêmica sobre Educação em Astronomia e de que forma esses dados dialogam com o que as autoras verificaram em seus trabalhos.

Investigar essa questão e verificar algumas diferenças numéricas faz parte da necessidade de discutir processos históricos e sociais comumente naturalizados, que em níveis mais profundos se relacionam com estruturas que fomentam a condição feminina em face à nossa sociedade construída em bases androcêntricas, em especial na área das ciências.

PRESENÇA FEMININA EM TESES E DISSERTAÇÕES E A PARTICIPAÇÃO NAS CIÊNCIAS

Segundo Leta (2014) os Estudos de Gênero surgiram como um novo campo de conhecimento nas últimas décadas, de forma interdisciplinar, tendo como temáticas centrais a representação e identidade de homens e mulheres na sociedade. Dentro desse campo é possível encontrar os Estudos da Mulher, sendo uma das temáticas desenvolvidas, a mulher na ciência:

[...] uma temática que tem seu olhar focado na mulher e nas suas mais variadas relações com a ciência, atividade que, seja no passado ou no presente, sempre esteve associada ao mundo masculino e androcêntrico. (LETA, 2014, p. 140)

Desse modo, verificar, ainda que de maneira quantitativa a autoria feminina em nosso objeto de estudo, busca fomentar a discussão da representatividade ao longo do período analisado e refletir sobre as diferenças de participação.

De acordo com Viegas (2014a, p. 525) as mulheres são minoria na área científica, e que dependendo da área da ciência escolhida essa diferença pode variar bastante, como exemplo, em Biologia a diferença é bem menor que em Física. Viegas (2014) cita em seu trabalho algumas pesquisas nacionais e internacionais que demonstraram que não existe diferença justificável em termos de capacidade cognitiva entre homens e mulheres que pudesse justificar tal diferença, sendo assim, conclui que a disparidade de participação feminina em determinadas áreas deve ser considerada sob análise de causas culturais e antropológicas. (VIEGAS, 2014a, p. 533). Leta (2014, p. 150) indica que ainda persiste no século XXI a ideia das mulheres como inferiores na ciência, apesar de pesquisas mostrarem desempenhos similares.

A área da Astronomia no Brasil apresenta crescimento considerável a partir da década de 70, sendo importante considerar a fundação da Sociedade Astronômica Brasileira (SAB) em 1974. Segundo Viegas (2014a, p. 532), na fundação da SAB havia a presença de 43 homens e 5 mulheres, sendo a própria autora, docente do IAG/USP, e mais quatro alunas de pós-graduação.

A primeira tese defendida no Brasil no campo da Educação em Astronomia ocorreu na década de 1970 (CANIATO, 1973) e o crescimento de teses e dissertações é percebido na década de 2000. Entende-se desta forma que se trata de um campo recente, comparado às outras áreas.

Para realizar este levantamento, foram analisadas e organizadas as teses e dissertações listadas no Banco de Teses e Dissertações sobre Educação em Astronomia (BTDEA).

A partir dessa listagem determinou-se o gênero dos autores baseado nos nomes e quando este não tornava segura a afirmação, foi verificado o currículo *lattes* dos autores. Neste levantamento não foram consideradas outras formas de categorização de gênero atuais, apesar de reconhecermos sua existência. A seguir, buscou-se extrair quantitativamente as produções de autoria feminina e analisar outros parâmetros que emergissem a partir disso. Abaixo a Figura 01 representa os dados encontrados sobre a autoria feminina em teses e dissertações sobre Educação em Astronomia, em comparação ao total em cada tipo de trabalho acadêmico e à autoria masculina:

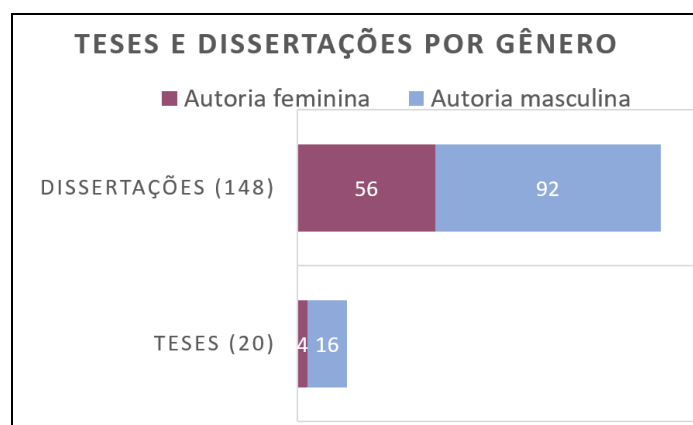


Figura 1: Teses e dissertações por gênero de autoria de 1973 até 2016.

No que diz respeito às dissertações, na Figura 1 é possível verificar que de um total de 148 trabalhos, 92 são de autoria masculina e 56 de autoria feminina, o que corresponde a 38% em relação ao total. O primeiro trabalho de autoria feminina trata-se da dissertação da professora Sylvania Sousa do Nascimento, intitulada “Um curso de gravitação para professores de primeiro grau”, de 1990. A dissertação de Sylvania corresponde ao terceiro trabalho listado no Banco, precedido apenas de Caniato (1973) e Neves (1986).

Observando a relação de gênero da autoria em teses a Figura 1 expõe que dos 20 trabalhos encontrados, 16 são de autoria masculina e apenas 4 de autoria feminina. De forma geral, o número de teses é inferior ao número de dissertações, representando apenas 13% do total de produções. Apesar do número pequeno para considerações estatísticas, a participação feminina é de apenas 20% nesta categoria

de trabalhos acadêmicos, projetando possivelmente traços do fenômeno “teto de vidro”.

Segundo Vasconcellos e Brisolla (2009, p. 218) o fenômeno “teto de vidro” é conhecido na literatura sobre gênero em relação a baixa participação feminina em postos mais valorizados no mercado de trabalho e chama-se assim pelo fato de ser um mecanismo discriminatório quase invisível. Dessa maneira, pelos dados apresentados, é possível verificar que se o mestrado evidencia uma presença feminina diminuta, a situação se agrava no que diz respeito ao doutorado.

No que se refere à formação acadêmica, Silva (2007) apresenta dados que mostram que o número de mulheres na Astronomia é menor que o de homens e que, além disso, há uma diminuição conforme se ascende a carreira acadêmica. Em nenhum dos níveis acadêmicos analisados pela autora a situação estava perto de ser equitativa e entre as questões que possivelmente justificam essa diferença estão a maior evasão em relação aos homens, que se relaciona também às questões familiares, onde ainda existem situações que polarizam a atividade acadêmica e a constituição de família, ao isolamento, pela expressiva falta de pares do mesmo sexo e a discriminação. Esses fatores aumentam a pouca representatividade e em consequência reduz o incentivo para o ingresso de novas mulheres.

A primeira tese defendida por uma mulher é a da professora Cristina Leite em 2006, intitulada “Formação do professor de Ciências em Astronomia: uma proposta com enfoque na espacialidade”. No período anterior, iniciando em 1973, temos cinco teses de autoria masculina. É relevante considerar que há uma diferença de 33 anos entre a primeira tese (CANIATO, 1973), que era de autoria masculina, até a defesa de doutorado de Cristina Leite (2006). Nota-se que a tese de Leite (2006) é defendida 16 anos depois do primeiro mestrado de autoria feminina de Nascimento (1990).

Quando focamos na carreira do magistério e a área da educação pode-se verificar uma tendência histórica para que a participação feminina seja maior pelo processo de feminização do magistério, que assumiu um caráter de missão, de forma que as características ditas femininas foram consideradas as mais favoráveis para o papel, como instinto materno, docilidade e submissão, desprofissionalizando o trabalho docente e relacionando-o a uma vocação (NACARATO, VARANI, CARVALHO, 1998, p. 77). Neste trabalho não há convivência com essa perspectiva, todavia está posta como fato histórico e social.

Nesse sentido, podemos observar que apesar de a área da Educação tender a uma maior presença feminina e distintivamente a área da Astronomia a uma predominância masculina, no encontro das duas na Educação em Astronomia, o gênero predominante está similar à Astronomia e à Física.

Segundo Silva (2007) comparando a situação brasileira de participação das mulheres na Física em relação a outros países, dados de 2005 mostram que a média nacional é ligeiramente melhor que a média mundial, mas não passa dos 24% na graduação, reduzindo conforme se avança na carreira acadêmica. Os números ainda são piores quando se verifica a situação das mulheres norte americanas.

Abaixo apresentamos uma tabela (Tabela 1) elaborada por Viegas (2014a, p. 528), do percentual de bolsas do CNPq concedidas às mulheres, de acordo com a área:

Tabela 1: Bolsas do CNPq concedidas às mulheres por área (VIEGAS, 2014a, p. 528)

Área	2001	2006	2010
Biologia	58%	69%	61%
Saúde	63%	66%	68%
Física e Astronomia	34%	36%	36%
Engenharia e Computação	28%	30%	34%

Assim, é possível verificar semelhança e relação entre a situação verificada por Silva (2007) da presença da mulher na Física (24%) e a diminuição em relação à participação em níveis mais altos da carreira, assim como em Viegas (2014a, p. 528), com os dados deste trabalho em respeito a autoria feminina em teses e dissertações sobre Educação em Astronomia, já que esta representa 35,7% em relação ao total de trabalhos produzidos, que foram 168.

Entre os aspectos culturais e sociais que influem nas escolhas da carreira ainda na adolescência a baixa representatividade feminina nas ciências é uma das causas apontadas em estudos norte-americanos, segundo Viegas (2014a, 537). No Brasil, essa questão é analisada na perspectiva do “isolamento” e “engloba as possibilidades de ser a única na sala de aula, no grupo de pesquisa ou em conferências” (VIEGAS, 2014a, 537), o que pode ser um fator desmotivador, ainda que inconsciente.

Nesse sentido, segundo Yannoulas, Vallejos e Lenarduzzi (2000) é possível distinguir pelo menos três formas de discriminação: a direta ou manifesta, a indireta ou encoberta e a autodiscriminação. Esta última se constitui como uma espécie de mecanismo interno de vigilância e repressão que forja os desejos, expectativas “de forma que algumas opções educacionais ou profissionais tornam-se impensáveis e outras fortemente orientadas ou condicionadas” (YANNOULAS, VALLEJOS, LENARDUZZI, 2000, p.428). Por essa razão também a presença/ausência feminina na autoria destes trabalhos não pode ser entendida como natural.

Em relação à orientação, existe certa tendência de orientandas buscarem orientadoras. Em partes, isso pode ser explicado segundo Viegas (2014a, p. 538) pela referência de alguém que já tenha trilhado o percurso almejado, ainda que de forma inconsciente, “[...] assim, um maior número de docentes/pesquisadoras deveria incentivar um aumento de estudantes e, posteriormente, de contratadas” (VIEGAS, 2014a, p. 538). Em nosso levantamento, essa questão não apresenta números que proporcionem tal afirmação.

Dentre as 168 pesquisas, 63 são desenvolvidas por orientadoras (37%) e 119 por orientadores (70%). Consideramos neste levantamento o processo de orientação incluindo a coorientação, por isso a soma dos percentuais ultrapassa 100%. As professoras com maior número de orientações são Yassuko Hosoume (USP), Maria de Fátima Oliveira Saraiva (UFRGS), Rute Helena Trevisan (UEL) e Cristina Leite (USP).

Em relação aos 60 trabalhos específicos de autoria feminina 42 foram orientados por homens (70%) e 25 por mulheres (41%). Essa diferença numérica entre orientadoras não pode ser analisada separadamente do contexto de baixa

representatividade feminina da área e acompanha os dados referentes ao total de orientações, independente da autoria de trabalho.

Existem também as questões relacionadas à constituição de família e carreira que ainda são fatores que não se somam, mas que se opõe, por questões culturais, seja no cuidado com a família de origem, que ainda fica condicionado especialmente à figura da mulher, a ainda desigual distribuição das tarefas domésticas e ao cuidado dos filhos (VIEGAS, 2014a; SILVA, 2007). Nesse sentido há dados apresentados em Silva (2007) que mostram que na carreira da Astronomia brasileira tem sido uma opção não ter filhos para em torno de 32% das mulheres sócias da SAB, enquanto na população brasileira a porcentagem de mulheres sem filhos é entre 10% e 11% (VIEGAS, 2014a, p. 538).

Considerando o período indicado como prolífico à Astronomia no Brasil (VIEGAS, 2014a) e os estudos em Educação em Astronomia foi verificado como a produção feminina localizada no BTDEA se distribui e se projeta em relação ao tempo. A disposição de teses e dissertações segundo o gênero de autoria em relação ao ano de publicação auxiliou no desenvolvimento da Figura 2, abaixo:

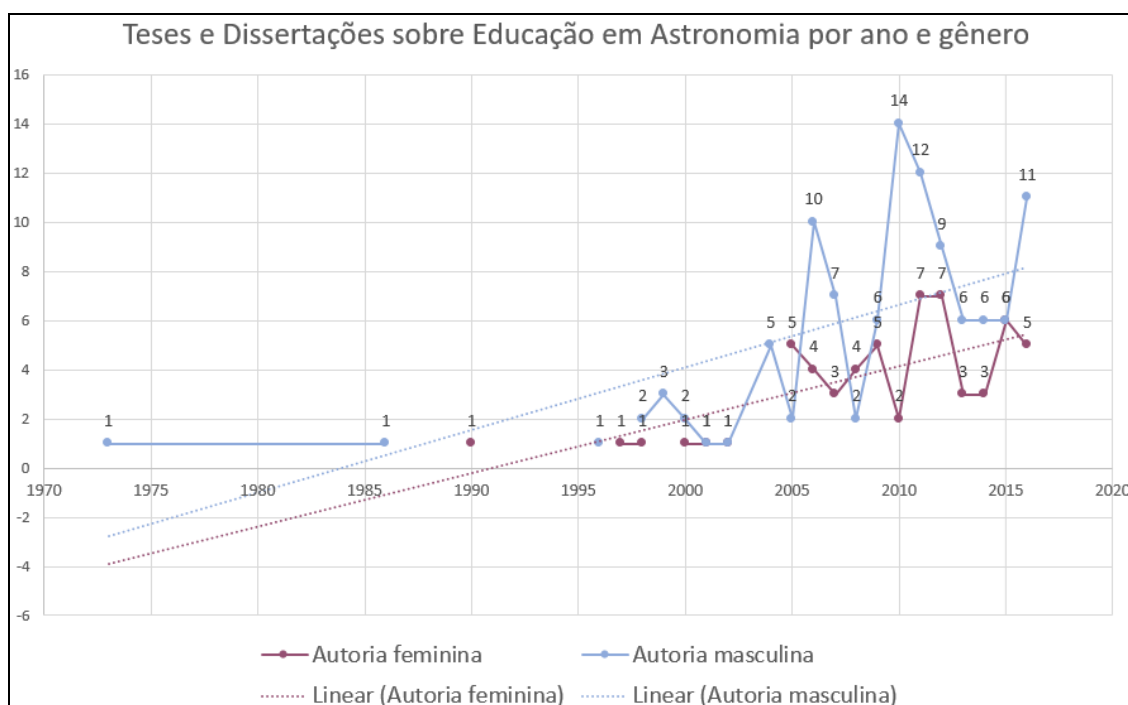


Figura 2: Teses e dissertações por ano e gênero de autoria de 1973 até 2016

A Figura 02 apresenta em gráfico os trabalhos acadêmicos listados por ano de publicação e gênero de autoria. A partir dessa organização é possível comparar a presença feminina em escala temporal em relação à autoria masculina, assim como verificar linearmente essas diferenças, bem como projetar traços possíveis em relação ao histórico anterior, a situação atual e o futuro.

Nota-se que apesar dos números de teses e dissertações serem pequenos quando distribuímos ao longo dos anos de publicação em termos estatísticos, que a linha projetiva criada a partir dessa organização mostra que a participação feminina é recente, cresce, mas de maneira mais modesta em relação à autoria masculina e que a Educação em Astronomia apresenta um maior aumento de produções em teses e dissertações especialmente a partir dos anos 2000.

Silva (2007) realizou um levantamento a partir da base de dados dos membros da SAB comparando numericamente a participação feminina nesta sociedade científica, assim como as porcentagens relativas à titulação e ao estágio da carreira entre os membros homens e mulheres nos registros de 1994 e 2004. A autora verificou que em 1994 a participação feminina correspondia a 22,5% de um total de 227 membros e em 2004, eram 25% dentre 479 membros. No espaço desses dez anos o total de membros mulheres aumentou apenas em 2,5%.

Nesse movimento existem vários projetos que buscam incentivar a participação feminina nas ciências, como exemplo podemos citar o “Elas nas Exatas”² que busca discutir e estimular através de projetos o interesse e participação de adolescentes nas ciências e estudos técnicos. Além desse, o Programa Mulher e Ciência³, instituído no âmbito do governo federal para estimular a produção científica e a reflexão acerca das relações de gênero por meio de três ações: instituição de prêmio, chamada bienal de projetos de pesquisa e encontro trianual de grupos de estudos sobre o tema. Todavia, na página do programa não existem atualizações que indiquem a continuidade do projeto, em relação às duas últimas ações citadas.

Para discutir a presença feminina nas Instituições de Educação Superior da América Latina, assim como de outros grupos pouco favorecidos ou vulneráveis também existe o projeto Medidas de Inclusão Social e Equidade em Instituições de Ensino Superior na América Latina (MISEAL)⁴, liderado pela Universidade de Berlim (Alemanha), com a participação de pelo menos 15 instituições entre a Europa e a América Latina. No Brasil é desenvolvido pelo Núcleo de Estudos de Gênero PAGU (Unicamp).

Em relação a presença feminina nas Instituições de Educação Superior é importante considerar a universidade de origem dos trabalhos. No BTDEA como um todo é possível listar a contribuição de 40 instituições diferentes. Destas, 26 apresentam algum trabalho de autoria feminina (65%). Na Tabela 2 estão listadas as Instituições que apresentaram ao menos 10 publicações entre teses e dissertações, por gênero de autoria:

Tabela 2: Autoria de Teses e Dissertações por gênero e Instituição de origem

Instituição	Autoria feminina	Autoria masculina
USP	9	15
UFRGS	6	10
UNICSUL	4	11
UFRN	5	5
UNESP	2	8

A Tabela 02 expõe as instituições que mais contribuíram com teses e dissertações sobre Educação em Astronomia, identificando o gênero de autoria dos

² <http://www.fundosocialelas.org/elasnasexatas/>

³ <http://www.cnpq.br/web/guest/apresentacao-mulher-e-ciencia>

⁴ <https://misealbrasil.wordpress.com/>

trabalhos. As instituições que mais contribuíram foram: a Universidade de São Paulo (USP), a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Universidade Estadual Paulista (UNESP). A partir do que foi apresentado anteriormente na própria fundação da SAB em 1974 (VIEGAS, 2014a, p. 532), já havia a presença feminina com docente e aluna de pós-graduação do IAG/USP. É possível notar também que a maioria dessas instituições listadas são públicas.

Na Tabela 3 apresentamos as instituições com maiores contribuições em termos de autoria feminina em Teses e Dissertações sobre Educação em Astronomia:

Tabela 3: Instituições com maior autoria feminina em Teses e Dissertações

Instituição	Autoria feminina	Autoria masculina
USP	9	15
UFRGS	6	10
UFRN	5	5
UEFS	5	3
UNICSUL	4	11

Nesta Tabela 3 é possível verificar que as Instituições com maior número de trabalhos de autoria feminina são a Universidade de São Paulo (USP), a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL).

As duas primeiras Universidades da Tabela 03 (USP e UFRGS) também aparecem nos primeiros lugares da Tabela 02 entre as Instituições com mais teses e dissertações em Educação em Astronomia, independentemente do gênero de autoria e em relação às professoras orientadoras com mais trabalhos defendidos na área.

Mesmo sendo um baixo número/pequena quantidade de trabalhos para que se possa considerar em termos estatísticos, a partir deste recorte é possível notar que a presença feminina nas diferentes instituições é bastante heterogênea, sendo equivalente na UFRN e maior na UEFS.

De acordo com Vasconcellos e Brisolla (2009, p. 219) o aumento da participação feminina nas produções científicas beneficia “[...] principalmente a ciência, com o aumento do número e melhora da qualidade de cientistas que antes tinham menor oportunidade de revelar sua potencialidade.”

Essa organização por gênero e instituição suscita a reflexão sobre a possibilidade de existência de diferenças de características entre as universidades e seus programas de pós-graduação, que podem favorecer ou não a presença feminina, porém são necessárias outras verificações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados organizados neste trabalho é possível verificar como a presença feminina na autoria de teses e dissertações relacionadas à Educação em Astronomia ainda é pequena se comparada à produção de autoria masculina e considerando que em termos estatísticos a mulher corresponde no Brasil em média a 50% da população nos últimos 20 anos, a partir de dados do IBGE. Com isso podemos afirmar que esta área de pesquisa não tem sido desenvolvida de forma equitativa entre homens e mulheres, mesmo quando a Astronomia se relaciona com a Educação, que costuma ser uma área com maior presença feminina.

Foi verificado que das teses e dissertações analisadas apenas 35,7% são de autoria feminina. Destas, 45% estão concentradas em cinco Universidades (USP, UFRGS, UFRN, UEFS e UNICSUL) e 41% são orientadas por mulheres.

Considerando a questão das instituições de autoria de teses e dissertações, é importante destacar que ações afirmativas para o aumento da participação feminina são possíveis. Há que se considerar as estruturas dos programas de pós-graduação, formas de ingresso e permanência e incentivos.

O propósito desse trabalho é a reflexão em torno desses dados de forma que a diferença verificada sirva de estímulo para ações que busquem uma maior participação feminina em torno desse tema, considerando essa necessidade não apenas para assimilar a mulher, mas para ponderar que, assim como os homens, as mulheres têm muito que contribuir para o desenvolvimento da área.

Outros estudos também poderiam ser feitos em torno desse tema em relação à publicação de artigos em periódicos e apresentação de trabalhos em congressos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRETONES, Paulo S.; MEGID NETO, Jorge. Tendências de Teses e Dissertações sobre Educação em Astronomia no Brasil. **Boletim da Sociedade Astronômica Brasileira**. v. 24, n. 2, p. 35-43, 2005.

IACHEL, Gustavo; NARDI, Roberto. Algumas tendências das publicações relacionadas à Astronomia em periódicos brasileiros de ensino de Física nas últimas décadas. **Revista Ensaio**, v. 12, n.02, p. 225-238, mai.- ago. 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- IBGE. **Distribuição percentual da População por Sexo- 1980-2010**. Disponível em: <://brasilemsintese.ibge.gov.br/populacao/distribuicao-da-populacao-por-sexo.html>. Acesso em: fev. 2018.

LETA, Jacqueline. Mulheres na Ciência Brasileira: desempenho inferior? **Revista Feminismos**, v.2, n.3, p. 139-152, set-dez.2014.

MEGID NETO, Jorge. **Tendências da pesquisa acadêmica sobre o ensino de Ciências no nível fundamental**. 114f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas/SP, 1999.

VASCONCELLOS, Elza C. C. E BRISOLLA, Sandra N. (2009), “Presença Feminina No Estudo e no Trabalho da Ciência na Unicamp”, **Cadernos Pagu**, 32, Jan/Jun, 215-265, <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332009000100008>.

VIEGAS, Sueli M. M. 20 Anos de Astronomia no Brasil: O lado feminino, **Boletim da Sociedade Astronômica Brasileira**, 13, 3, 27–32, 1994.

VIEGAS, Sueli M. M. A Astronomia brasileira no feminino In: MATSUURA, O. T. (Org.) **História da Astronomia no Brasil** - Volume II - MAST/MCTI, Cepe Editora e Secretaria de Ciência e Tecnologia de Pernambuco, Recife, 2014a

VIEGAS, Sueli M. M. Participação da mulher na Astronomia brasileira. 2014. In: XXXVIII Reunião Anual da Sociedade Astronômica Brasileira, 32, 2014, Rio de Janeiro. **Atas...** Rio de Janeiro, 2014b, p. 1.

SILVA, Adriana V. R. Situação da Mulher na Astronomia Brasileira. In: Sociedade Astronômica Brasileira. **Boletim da Sociedade Astronômica Brasileira**. v. 26. p. 15-29, 2007.